

# ***Em pauta: a aliança mídia e educação***

**Sarai Schmidt**

Jornalista, Doutoranda em Educação

sarai@sinos.net

Centro Universitário Feevale, RS

---

## **Resumo**

Este artigo apresenta discussões acerca das relações entre a mídia e o complexo e multifacetado campo da Educação, centrando o foco na discussão do jornal na sala de aula e mais especificamente uma reflexão a partir da experiência do projeto de Mídia e Educação *NH na Escola*. O estudo argumenta que a mídia cria e reproduz um discurso pedagógico, não apenas quando fala em escola, professores, professoras e estudantes, mas também quando ela assume um discurso educativo que vai que regula o modo das pessoas pensarem e agirem dentro e fora da escola.

**Palavras-chave:** educação, mídia, jornal.

A mídia cada vez mais está ocupando o espaço antes preenchido pela família, a igreja e a escola na "educação" dos jovens. Numa época em que as reflexões pós-modernas trazem à tona o questionamento dos limites e da gênese das certezas universais e imutáveis, é preciso também entender a mídia como um espaço de educação, criando temas escolares, produzindo subjetividades e identidades. A mídia cria e reproduz um discurso pedagógico, não apenas quando fala em escola, professores, professoras e estudantes, mas também quando ela assume um discurso educativo que vai que regula o modo das pessoas pensarem e agirem dentro e fora da escola. Não precisamos sair de casa, a mídia invade nossa casa e nos leva para grandes viagens pelo mundo da novela, o mundo da natureza, o mundo do dinheiro, o mundo da guerra, o mundo do amor. Não temos a opção de entrar, ou não, somos parte deste cenário e não meros espectadores ou observadores. Homens, mulheres, jovens, crianças, operários/as, empresários/as, ocidentais ou orientais, estão imersos e seduzidos por esta avalanche de informações multiplicadas pela mídia que criam expectativas em cada pessoa. Ao mesmo tempo e surpreendentemente, muitas vezes, o conhecimento adquirido e multiplicado através da mídia, é desconsiderado no ensino formal e inclusive, quando utilizado pedagogicamente, é trabalhado como apenas mais uma atividade que permitiria entender como "é mesmo o mundo", ou a "realidade" deste mundo. Neste sentido, entendo como importante que professoras e professores aproximem-se do manuseio e da discussão destes artefatos midiáticos, ampliando e articulando interações mais efetivas e significativas com os meios de comunicação. Este artigo apresenta discussões acerca das relações entre a mídia e o complexo e multifacetado campo da educação, centrando o foco na discussão do jornal na sala de aula e mais especificamente propondo uma reflexão a partir da experiência do projeto de Mídia e Educação *NH na Escola* desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo no Rio Grande do Sul.

Estamos diante de uma outra forma de leitura, e que muitos anunciam como um “estilo jovem” de ler e consumir ou, como alerta Sarlo (1997, p. 102), estamos “numa época em que a cultura juvenil se enfrenta com a cultura letrada e esse campo de batalha simbólica são os meios de comunicação”. A autora discute esta nova forma de leitura em que estamos imersos (televisão, vídeos, *videogames*, *outdoor*), quando vivemos a fragilidade das instituições educacionais formais como fonte de saber, num tempo em que “a escola é para os adolescentes, o lugar da pobreza simbólica porque é um espaço não exclusivo e nem hegemonicamente midiático” (Sarlo, 1997, p. 103). Segundo autora, “quando a administração educativa perde poder e recursos, os grandes ministros da educação são, na verdade, os gerentes e programadores do mercado, cujos valores não impulsionam uma sociedade de cidadãos iguais e sim redes de consumidores fiéis” (Sarlo, 1997, p. 103).

Entendo que os artefatos da cultura, como a televisão ou os jornais, praticam pedagogias, nos ensinam coisas, nos contam histórias, nos dizem como as coisas são, como as coisas não são, como as coisas devem ser. Compartilho com a perspectiva de Fischer (1998, p.1) quando afirma que “a prática diária em sala de aula hoje, não pode ser vista sem que se considere a educação como imersa no grande espaço da cultura e, portanto, no grande espaço dos meios de comunicação, da cultura da imagem e da proliferação de mitos, de modos de ser”. Melhor dizendo, sabemos o quanto a mídia se apresenta como um espaço pedagógico, nos ensinando diferentes formas de viver, de nos relacionar com o outro. Neste sentido, não temos mais como dar as costas àquilo que crianças e jovens estão aprendendo também fora da sala de aula. Ou, como afirma Fischer (1996, p. 282), “formar, ensinar, orientar são ações que transbordam de seus lugares tradicionais, sendo assumidas explicitamente pelos *media*, através de uma infinidade de modalidades enunciativas, cuja característica principal é a publicização de fatos, pessoas, sentimentos, comportamentos”. A “cultura da mídia” nos acolhe, nos conforta e nos capta para a construção do nosso modo de ser. Ou seja, aprendemos na mídia quem somos nós e quem são os outros, ou ainda, como são aqueles dos quais desejamos ser iguais ou diferentes. E isto tem efeitos na produção de subjetividades e identidades sociais. Mais do que isso, se tomarmos as contribuições de Kellner (2001, p. 09), estaríamos constantemente sendo forjados como cidadãos e cidadãs de uma cultura comum global, afinal, “a cultura veiculada pela mídia fornece o material que cria identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo uma nova forma de cultura global”.

Quando nos deparamos com a virada do século, marcada pelo avanço tecnológico e o acesso à informação aliados às promessas de “igualdade” da globalização, uma discussão sobre as relações entre mídia e educação configura-se num tema importante para todas/os. Acredito que temos que refletir sobre o que as pessoas estão lendo, o que elas estão encontrando, seja nas páginas dos jornais ou navegando na internet. Temos que ir além de uma discussão quantitativa e geográfica. É preciso colocar em pauta a qualidade, a consistência da escola e da informação produzida e colocada em circulação. Em tempos de internet, quando vivemos a cultura do ciberespaço, a cultura da mídia, é preciso repensar também o espaço da escola e da mídia na produção de sentidos.

**Comunicação e Educação** - Como pesquisadora, tenho me dedicado a discutir a necessidade de aproximar cada vez mais estas duas áreas de trabalho: *Comunicação e Educação*. É preciso torná-las “aliadas” e complementares entre si. Acredito na necessidade de o jornalista ter um referencial do processo educativo

sobre o qual precisará analisar, opinar, noticiar, assim como é fundamental que o educador e a educadora tenham uma leitura crítica do mundo que lhes cerca. Isto implica necessariamente numa maior e sistemática aproximação da e com a mídia. Considero importante desenvolver estratégias sobre a possibilidade de a escola estar envolvida em reflexões sobre a mídia, buscando pensar, inclusive, sobre a linguagem utilizada por estes artefatos culturais que nos interpelam todos os dias. Conforme Fischer (1999, p. 29), "enquanto a escola ficar no papel tímido de espectadora ressentida de uma sociedade que se pauta pelo mercado e pelas imagens de sucesso individual, de culto narcísico do corpo, de ilusão de felicidade dada pelo consumo real e imaginário, estará apenas marcando seu lugar como ausente do seu tempo".

Para muitos, falar em futuro ou em uma educação sintonizada com o nosso tempo, significa pensar em tecnologia. Existem aqueles/as que colocam no acesso às novas tecnologias ou na busca do modelo empresarial a solução para a adequação da escola às exigências dos novos tempos. Talvez devêssemos relativizar esta busca desenfreada de uma preparação para o futuro, como se a lei do mercado fosse a única. A Educação tem sido apontada tanto como vilã, quanto como salvadora, quando o assunto é o progresso do país. Nela está contabilizada a responsabilidade da preparação do futuro trabalhador, da conquista da cidadania, da falta de desenvolvimento tecnológico. Tanto os avanços, quanto as dificuldades são colocados sobre os ombros da eficiência ou ineficiência de um projeto educacional. No entanto, uma perspectiva "crítica" deve levar em conta que uma concepção de educação não se limita a dar competência para as pessoas viverem neste mundo competitivo, como se a lei do mercado fosse o ideal a ser seguido por todos. Uma das possibilidades para a escola nestes novos tempos é romper esta fronteira entre aquilo que é e aquilo que não é educativo. Mais do que levar o computador para sala de aula ou acessar pesquisas na internet, também é preciso que estudantes e professora/es aprendam também a manusear, a compreender a linguagem do jornal, rádio ou televisão, e isto implica em promover a reflexão sobre a informação.

Vivemos um tempo em que muitos anunciam a crise da escola enquanto outros depositam nela a salvação para todos os males da atualidade. Temos a tarefa de repensar coletivamente a função da escola e neste cenário a mídia ocupa a importante função de fomentar esta discussão. Neste sentido, projetos de *Mídia e Educação ou Educomunicação* tornam-se uma alternativa para uma maior aproximação entre escola e sociedade. Está evidente que a mídia está cada vez mais assumindo um status pedagógico, interpelando crianças, jovens e adultos. A relação entre mídia e educação está posta e um projeto educacional sintonizado com os novos tempos não poderia deixar de lado a oportunidade de levar o jornal para a sala de aula e ao mesmo tempo levar a sala de aula para o jornal. Mas não no sentido de desenvolver técnicas ou atividades didáticas para a contextualização do currículo, ou ainda com treinamentos, quando subestimamos professoras e professores prescrevendo receitas de atividades que "deram certo". É preciso estar atento para a complexa rede de relações ou representações que a mídia carrega. A partir daí talvez seja possível iniciar os contornos de uma discussão sobre esta estreita relação entre mídia e Educação.

**O diálogo entre escola-academia-mídia** – Apresento agora uma experiência realizada no município de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. Lançado em 1988, o projeto *NH na Escola* surgiu a partir de uma ação conjunta entre a Secretaria Municipal de Educação e Grupo Editorial Sinos com o objetivo de perceber que o jornal não trabalha apenas com letras, papéis, imagens, cores, mas com fatos, idéias e opiniões. É nesta perspectiva, que o projeto *NH na Escola* busca colocar em discussão temas que provocam inquietações

entre professores, alunos e famílias. O suplemento é publicado quinzenalmente e com oito páginas expressa um possível e produtivo debate entre a imprensa, a universidade, a escola fundamental, leitores e leitoras. Esta experiência é a materialização do encontro da universidade com a escola básica, redimensionando a noção do saber acadêmico como algo que possa ultrapassar as paredes da universidade e ocupar também as páginas de um jornal.

A equipe conta com a contribuição de pesquisadores que estão enriquecendo o suplemento e tornando acessível uma discussão, que muitas vezes ficaria restrita ao ambiente acadêmico formal. A proposta é promover o diálogo entre a escola e a academia. Este é um espaço, sobretudo, para compartilhar as experiências pedagógicas das escolas quando aquilo que está acontecendo na sala de aula é transformado em notícia. Através do espaço *Repórter-mirim* os alunos têm a oportunidade de expressar a sua opinião, aquilo que é importante na visão de crianças e jovens. Podemos dizer que esta experiência promove, de um lado, a utilização do jornal como recurso tanto para a contextualização do currículo, como para levar informação a alunos e professores e, de outro, sensibiliza a comunidade para acompanhar os caminhos da educação.

Com esta experiência, que busca promover o debate amplo entre Mídia e Educação, abre-se novas possibilidades para tornar-se possível a socialização e o acesso aos meios de comunicação. Ressalto que compactuo do entendimento de que o jornal pode ser um recurso extremamente produtivo para engendrar discussões produtivas acerca, especialmente, de aspectos educativos *stricto sensu*, como, por exemplo, aqueles relativos aos conhecimentos cristalizados no livro didático. Mas isto, na minha ótica, depende de uma articulação com o planejamento da professora ou do professor.

Nas páginas do suplemento, temos o registro do encontro de pesquisadoras e pesquisadores que apostam na possibilidade de se repensar o trabalho da segunda-feira na vida de cada um e cada uma de nós: estudantes e docentes, homens, mulheres, mães e pais, como símbolo do recomeço, da reestruturação constante de nossas buscas. Dentre os temas abordados encontram-se: política cultural, auto-estima e poder, regulação social e disciplina, preconceito racial, currículo, repetência, sexualidade, gênero, corpo, cinema, novas tecnologias, magistério, alfabetismos, mídia, oralidade, literatura, meio ambiente, inclusão, juventude, etc.

A proposta é que professoras e professores, ao levarem o jornal para a sala de aula, consigam trabalhar com os estudantes de forma a tomar aquilo que está no jornal não como uma verdade absoluta sobre os fatos, mas como uma das múltiplas versões possíveis sobre os fatos. O suplemento chega à escola encartado no Jornal NH, visando a leitura e utilização do jornal como um todo. Entende-se que o currículo escolar deve ser algo vivo e que o jornal pode abrir múltiplas possibilidades para esta discussão.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> O Projeto *NH na Escola* ocupou as páginas do Jornal NH de 1988 a 2000 e tornou-se referência no meio educacional. Em 2005, o projeto retornou. O material é publicado nas edições de sábado do Jornal NH, que circulam em Novo Hamburgo (22 mil exemplares) e na segunda-feira são enviados cerca de 1400 suplementos para os professores da rede municipal. De segunda a sexta-feira, cada escola engajada no Programa recebe cerca de 10 jornais do dia para sua utilização na sala de aula. A proposta envolve cerca de 500 assinaturas diárias, além de toda a comunidade leitora do Jornal NH (40 mil/exemplares). A Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo subsidia as assinaturas das escolas públicas municipais, atingindo cerca de 25 mil estudantes do ensino fundamental e 1300 professores.

O suplemento *NH na Escola* é produzido pelo setor de Mídia e Educação da Secretaria Municipal de Educação e Desporto-SMED, formado por profissionais das áreas da Comunicação e da Educação. A escolha dos temas é feita a partir das indicações das escolas. O enfoque de trabalho sobre as temáticas indicadas não é restrito ou organizado seguindo as ditas áreas do conhecimento (matemática, língua portuguesa, ciências, ...). Ao invés disso, as reportagens, entrevistas e artigos visam a discussão e reflexão de temas ligados à educação como um todo. A equipe conta com a colaboração de universidades que oportunizam uma discussão atualizada sobre os temas apontados pelas escolas.

Muitos pesquisadores contribuíram com suas reflexões e tiveram a generosidade de tentar sintetizar em uma página de jornal o acúmulo de anos de pesquisa. Professoras e professores da rede municipal compartilham suas experiências e multiplicam seus saberes para milhares de leitores. Em cada reportagem é redescoberto a criatividade e o comprometimento destes profissionais ao ocupar a sala de aula na rede pública.

**A voz dos jovens** – Com o objetivo de oportunizar a participação de estudantes na construção de notícias foi criado o espaço *Repórter-mirim* no suplemento. O buraco da rua, o mutirão do bairro, a festa da escola são transformados em notícia na visão de alunas e alunos. Cada escola municipal conta em média com 12 repórteres-mirins — estudantes a partir do 3º ano —, responsáveis por coletar informações e elaborar notícias sobre a sua comunidade. Os estudantes participam sistematicamente enviando notícias. O material é publicado na íntegra com a identificação da/o estudante.

Além das pequenas reportagens é realizada a publicação de uma série de reportagens especiais elaboradas coletivamente por um grupo de repórteres-mirins. A pauta é estabelecida com antecedência pelo grupo de estudantes que coletam informações no bairro e constroem a matéria, inclusive com entrevistas e fotografias. O *Repórter-mirim* envolve centenas de crianças das escolas públicas, num exercício de cidadania através da exploração da função social da linguagem e em particular da mídia. Nas páginas reservadas para os repórteres-mirins tivemos uma grande lição: nossas crianças e jovens têm opinião própria e são cidadãos do presente. É preciso oportunizar este espaço para a valorização da voz também daqueles que estão ocupando os bancos escolares:

*"Ser Repórter-mirim é ser responsável, ter consciência do que faz, procurar novos assuntos e saber os problemas da comunidade. Nunca desistir de uma reportagem".*

*(Geisom Henrique Kiewel, 11 anos, Escola Municipal Elvira Brand Grin)*

*"É muito legal ser Repórter-mirim. A gente faz as reportagens e as pessoas ficam sabendo o que acontece". (Cristiane da Silva, 9 anos, Escola Municipal Jorge Evaldo Koch)*

*"Eu já aprendi muita coisa. Gosto de entrevistar as pessoas. Já falei com muita gente que leu minhas reportagens". (Kelen Viviane, 11 anos, Escola Municipal Elvira Brand Grin)*

*Algumas escolas transformaram o laboratório de informática em uma sala de redação e os estudantes/repórteres já estão envolvidos na organização dos trabalhos para enviar as notícias via internet. Para a jovem Tisiane Reichert, 9 anos, 4º ano, escrever no jornal é uma maneira de falar sobre aquilo que é*

*importante para a criança:* “ Gosto de falar do meu bairro. Minha mãe acompanha tudo que escrevo no jornal. Uma vez falei sobre uma lâmpada quebrada e logo depois foi arrumado.” *Também para Juliana Krewer da Rosa, 10 anos, 4º ano, participar deste projeto é uma forma de expressar aquilo que a criança acha certo ou errado:* “ Leio o jornal da vizinha e depois recorto as minhas notícias para guardar. Quero continuar para poder falar das coisas boas que acontecem aqui em Canudos.”

Através do uso do jornal na escola busca-se um currículo vivo e dinâmico que contemple a atualidade dos fatos. Mas isto não significa adotar uma concepção de jornal didático, pois este lugar já está ocupado pelo Programa Nacional do Livro Didático do governo federal, e as críticas a este tipo de abordagem são históricas e compartilhadas por todas as tendências pedagógicas contemporâneas. Temos que incentivar a reflexão sobre a informação.

**Palavra das professoras** - O estudante deve ser instigado para a leitura do jornal como um todo: para a curiosidade, para a descoberta da informação que o jornal traz diariamente; para a compreensão da mídia como uma ferramenta pedagógica. Experiências significativas de Programas de *Educomunicação* ou *Mídia e Educação* na América Latina estão avançando neste resgate do hábito da leitura e discussão da mídia no espaço escolar. A seguir, três professoras da rede pública compartilham suas experiências apostando na mídia e mais especificamente o jornal como ferramenta pedagógica:

*“Leio sempre e acho os temas muito interessantes. É uma forma de fundamentar muitas discussões na escola. Acho muito bom porque os textos são acessíveis e muito bem elaborados. Esta leitura enriquece o trabalho dos professores. Muitas vezes o que aparece no NH na Escola, depois acaba de outra forma sendo discutido na sala de aula. A cada ano a qualidade está melhorando.” (Jaqueline Schmitt Oliveira – Pedagoga)*

*“Cada vez mais os professores estão abrindo espaço para aquilo que está na mídia. O jornal é um recurso dinâmico e acessível. Acredito que isto é a educação do futuro. É abrir a escola para aquilo que acontece no mundo. E isto é muito bom, iniciar aqui na escola a discussão do jornal, da Tv, do rádio, pois é isto que os alunos e as famílias estão conversando em casa”.*(Margarete – diretora E.M.E.F. Floriano Peixoto)

*“Como professora, considero isto uma experiência única e de grande validade. Estes alunos estão exercendo a sua cidadania, estão tornando pública a sua opinião sobre aquilo que consideram importante. Os pais estão lendo no jornal as notícias feitas por seus filhos e isto é muito produtivo. Este é um trabalho que envolve a escola e a comunidade. Ler o jornal é um hábito que deve iniciar na escola”* (Andréa Zimmer – professora 1º e 5º ano na rede pública)

Não podemos ignorar que a mídia entra na sala de aula pela porta da frente sem ser convidada, e não há como não dar ouvidos a ela. As crianças brasileiras passam uma média de cinco horas diárias na frente da televisão, ou seja, mais tempo que permanecem dentro da escola diariamente. Além disso, chegam à idade escolar impregnadas pela “cultura midiática”, o que já seria motivo suficiente para que dispensássemos uma atenção maior sobre os saberes ensinados seja pela telinha, nas páginas dos jornais ou mesmo na internet. Mas, antes de encarar a televisão e os outros meios de comunicação – tão mais atrativos, tão mais coloridos

e sedutores – como inimigos, há de se considerar a mídia como uma possível aliada na (re)construção do conhecimento.

A mídia – a TV, o rádio, o jornal, o cinema – oferecem um currículo cultural que dita “verdades”. É aí que talvez seja interessante discutir ou abrir maior espaço para *Educomunicação*, ou *Educação para a Mídia*, em nossas escolas. Vale lembrar que o que se aprende em sala de aula pode ajudar a compreender os meios e vice-versa. Reportagens televisivas, radiofônicas e impressas servem como fonte de reflexão e como instrumento para todo tipo de aprendizado. Não basta apenas propiciar o acesso das crianças e dos adolescentes aos meios, pois sem o estímulo e a qualificação adequados, eles correm o risco de reproduzir os mesmos procedimentos estereotipados da comunicação de massa.

No cenário brasileiro, nos deparamos com duas vertentes principais da *Educação para a Mídia ou Educomunicação*: a *Apropriação dos Meios*, que visa a produção de conteúdo (vídeos, programas, rádio, textos) e a *Leitura Crítica da Mídia*, voltada para a “desconstrução” do material midiático, observando a forma como os elementos (linguagem, conteúdo, edição, fontes) são utilizados na sua elaboração. Nas palavras do professor Ismar de Oliveira, “é preciso ficar claro que a universidade não inventou a *Educomunicação*. Nós apenas nomeamos e sistematizamos uma série de práticas que existiam não apenas no Brasil, mas em vários pontos do mundo inteiro”.<sup>2</sup>

São muitas as experiências que se efetivam hoje, em diferentes partes do mundo, sobre a relação entre Mídia e Educação. Na Argentina, por exemplo, o trabalho começou modestamente na década de 80, abordando a imprensa escrita, em dez escolas de Buenos Aires<sup>3</sup>. Depois, a proposta ganhou força e se espalhou por todas as escolas municipais da cidade, ancorado em quatro eixos principais: *jornalismo impresso, televisão, cinema e rádio*. Em 2003, a iniciativa tomou proporções nacionais e, sob a organização do Ministério da Educação Argentino, três concursos (rádio, tevê e imprensa escrita) envolveram as escolas municipais de todo o país. No mesmo ano, foram articuladas parcerias com entidades privadas, a fim de proporcionar a cerca de quatro mil alunos das escolas das zonas menos favorecidas a oportunidade de ir ao cinema, de graça, três vezes por ano. A diretora nacional do Programa Escola e Meios, do Ministério da Educação da Argentina salienta que “a escola deve incorporar a cultura de origem dos alunos, suas experiências cotidianas, sua vida no bairro, seus consumos culturais, enfim, aquilo que eles aprendem dentro da escola e, sobretudo fora dela”.

É chegada a hora da escola oportunizar aos alunos saber ler tanto jornais e notícias de televisão como jogos eletrônicos, videoclipes e hipertextos, a fim de construir e criar seus próprios significados. Dar voz aos jovens para que narrem sua história, sendo sujeitos da geração a que pertencem e da sociedade em que vivem. Para encerrar momentaneamente esta discussão inesgotável sobre Mídia e Educação trago o depoimento da professora Marisa Costa sobre a experiência do projeto *NH na Escola*:

*“O projeto NH na Escola é a mais interessante e original experiência que conheço de unir jornal e escola à tentativa de tornar a educação formal algo que faça sentido na vida das pessoas. A proposta, que cria condições concretas (publicação do Suplemento NH na Escola encartado no Jornal*

---

<sup>2</sup> Coordenador e pesquisador do Núcleo de Estudos de Comunicação da ECA/USP.

<sup>3</sup> O projeto *NH na Escola* foi inspirado na experiência do Programa de Jornal e educação do jornal argentino *El Clarín*.

*NH e distribuição do mesmo nas escolas da rede municipal de ensino) para unir a família e a comunidade na discussão das questões crucias que preocupam estudantes e docentes na atualidade, é criativa, democrática e estrategicamente importante. Especialmente nestes tempos em que as escolas têm sido um dos territórios da eclosão de conflitos e de manifestação da violência, projetos como este se destacam porque são exemplos contundentes de como se pode criar espaços de diálogo compartilhado sobre os mais diversos temas. Que bom que a equipe que o organiza deu-se conta de que, muito mais do que ser um mero recurso informativo na sala de aula, o jornal é um artefato cultural com enorme potencial pedagógico. Ele não apenas informa, ele cria, desafia, instiga e convida à participação. Além disso, é atual e presente; entra nas nossas casas e, no caso do Jornal NH, entra nas nossas salas de aula. Que projeto de sociedade democrática e igualitária poderia prescindir de um artefato cultural com tal potencial?”(Costa, 2001)<sup>4</sup>*

---

## Referências

- ANDI. 2004. *Unicef, Petrobras e Cortez Editora. Remoto Controle – Linguagem, Conteúdo participação nos Programas de Televisão para Adolescentes*. São Paulo, Cortez.
- KELLNER, D. 2001. *A Cultura da Mídia*. São Paulo, Edusc.
- FISCHER, R. M. B. 1998. Mídia e Educação – Uma agenda para debate. *Jornal NH*, set 1998. Suplemento NH na Escola.
- \_\_\_\_\_. 1996. A paixão de “trabalhar com” Foucault. In: M. V., COSTA (org.), *Caminhos Investigativos*. Porto Alegre, Mediação.
- \_\_\_\_\_. 1999. Identidade, Cultura e Mídia: a complexidade de novas questões educacionais na contemporaneidade. In: L. H., SILVA (org.) *Século XXI. Qual conhecimento? Qual currículo?* Petrópolis, Vozes.
- SARLO, B. 1997. *Cenas da Vida Pós-Moderna*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.

---

<sup>4</sup> Maria Costa é Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do Programa Pós-Graduação em Estudos Culturais em Educação da Universidade Luterana do Brasil.